

CARNAVALIZAÇÃO E DIALOGISMO EM "PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS": UM ESTUDO EM TORNO DA SÉRIE LITERÁRIA DE RICK RIORDAN

Rômulo Reinaldo Santos do Nascimento (UFC)¹
romreinal17@gmail.com

Isadora Maria Cavalcante Oliveira (UFC)²
isadoramco13@alu.ufc.br

RESUMO: Os gêneros do discurso se manifestam na enunciação a partir de padrões "relativamente estáveis" ancorados por conjunturas socioculturais. Todo processo de interação, portanto, requer um engajamento por parte do interlocutor ao imprimir sua marca na linguagem, que pode englobar formas orais ou escritas. Assim sendo, buscamos investigar, neste trabalho, se há marcas de carnavalização e dialogismo, perante os pressupostos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin (1975, 1981, 1997, 2000, 2005), na série literária de fantasia "Percy Jackson e os Olimpianos", escrita por Rick Riordan. Publicado entre 2005 e 2009, trata-se de uma coletânea infanto-juvenil composta por cinco livros que tem a mitologia grega mesclada com elementos do mundo contemporâneo como plano de fundo. Na teoria bakhtiniana da linguagem, há o reconhecimento do coletivo como um fator de relevância, embasando, assim, os conceitos aplicados nessa pesquisa. Pelo que foi observado até agora, notou-se que há um processo de transposição de diversos gêneros ao longo das narrativas analisadas, como a epopeia e a fábula em decorrência de seu caráter mitológico, ocorrendo, assim, um diálogo constante entre sujeitos, identidades sociais e temáticas diversas.

PALAVRAS-CHAVE: Carnavalização; Dialogismo; Bakhtin; Percy Jackson.

1 INTRODUÇÃO

Considerando que as condições de produção do sujeito são essenciais para que este entenda que o ser sujeito só se configura quando houver interação em meio ao seu ambiente ideológico, o indivíduo enquanto enunciador dispõe de diversas ferramentas socioculturais para um uso prático do sistema linguístico, levando em conta o coletivo e os modos de organização textual-discursivos. Desse modo, nasceu o interesse de realizarmos esta pesquisa, com o propósito de analisar a escrita de literatura ficcional a partir de livros voltados ao público infanto-juvenil.

Procuramos, então, investigar se há a presença de marcas de carnavalização e dialogismo na escrita literária da série de fantasia "Percy Jackson e os Olimpianos",

¹ Graduado em Letras - Língua Portuguesa/Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Graduanda em Letras - Língua Portuguesa/Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

escrita por Rick Riordan. Para isso, selecionamos trechos de alguns capítulos de “O Ladrão de Raios” (2005), primeiro livro da série citada anteriormente, em que adotamos, como aporte teórico-metodológico, a Teoria Dialógica da Linguagem desenvolvida por Bakhtin (1975, 1981, 1997, 2000, 2005) e em interface com outras pesquisas com temática semelhante e que contribuem bastante para o desenvolvimento de nossa investigação.

A pesquisa foi pensada ao perceber características de outros gêneros literários, como a epopeia e a fábula, ambos comuns em textos da Antiguidade, na obra norte-americana. Sendo assim, fizemos um levantamento de corpus com pesquisas que abordem as relações dialógicas da linguagem com o intuito de perceber como os elementos carnavalescos se expressam na obra e qual o efeito deles no leitor desta.

Ao longo do tempo, outros trabalhos já se propuseram a estudar sobre referências linguísticas-culturais, como a da mitologia grega, por exemplo, em textos literários sob o viés bakhtiniano da linguagem. Um desses é o de Thies (2013)³ que, para exemplificar, fez um estudo sobre a obra *O Minotauro*, de Monteiro Lobato, a partir da forma de como o autor construiu a história dialogando com elementos da mitologia grega e utilizando os conceitos de carnavalização e de cultura oficial versus não oficial. A autora supracitada apontou, ao longo de suas considerações, que Lobato fez inúmeras referências ao universo mitológico grego e, ao mesmo tempo, trouxe, à tona, elementos que remontavam ao grotesco descrito por Bakhtin, com o carnavalesco sendo representado por figuras vinculadas ao baixo clero e do meio popular.

A percepção de relações dialógicas em obras literárias não se faz somente em textos que abordam a mitologia grega na contemporaneidade, mas também em obras com universos originais, como em *O Hobbit*. No que tange ao livro de J. R. R. Tolkien, esse dialogismo, assim como na série literária de Riordan, o dialogismo é perceptível pelo manuseio de diferentes gêneros ao longo da narrativa, sendo o principal o romance e, o secundário, a poesia. Essa investigação foi trabalhada na UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte), em pesquisa intitulada “Dialogismo entre gêneros intercalados na narrativa *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien”⁴, desenvolvida pelo professor-pesquisador Charles Albuquerque Ponte e seus orientandos Ismael Arruda Nazario da Silva e Jailma Pereira Martins. Perceba que:

³ Para leitura na íntegra, consultar: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/335>.

⁴ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/162065>.

As narrativas de Tolkien são exemplos de produções que exploram os gêneros intercalados, como poesia em *O Hobbit*, por exemplo. Esses tratam da presença de um ou mais gêneros literários no corpo de um artefato literário como o romance. Os gêneros introduzidos, assim, mantêm sua estrutura estilística e composição linguística originais, contribuindo para uma obra múltipla e dialógica no seu interior. (PONTE; SILVA; MARTINS, 2020, p. 167)

E ainda:

É possível notar, inúmeras vezes, os pontos de conexão, ou dialogismo, dos poemas com a narrativa maior acontecendo. Basicamente, os poemas funcionam como reforço dos acontecimentos, sendo que, em alguns momentos, eles antecipam a história para o leitor, e, em outros, eles recontam os fatos pregressos. Os anões cantam para si e nesse processo recuperam o sentimento de determinação, como se nota nos versos, “Eis ao Portão o rei de plantão/ Suas mãos cheias de gemas e ouro”. (PONTE; SILVA; MARTINS, 2020, p. 184)

Dessa forma, os pesquisadores analisaram trechos da obra supracitada para estabelecer a tese, assim como faremos com a obra de estreia de “Percy Jackson & os Olimpianos”. Já Pereira, Salgado e Souza (2009)⁵ contemplaram o ato de pesquisar com crianças como o alvo de sua pesquisa e buscaram elaborar uma perspectiva crítica que envolva a produção da subjetividade na relação entre adultos e crianças no mundo contemporâneo a partir da teoria de Bakhtin. Ainda que o eixo temático das autoras soe meio distante do que propomos averiguar, foi possível observar que as relações adulto-criança observadas nos informantes estavam fortemente pautadas numa cosmovisão dialógica e dentro de uma alteridade saliente, tendo em vista que esses indivíduos são os protagonistas de suas próprias histórias com a capacidade de interpretar o mundo com suas formações ideológicas e discursivas, o que suscita essa conclusão que foi tomada.

Assim sendo, aliando essas contribuições no campo discursivo que trouxemos até aqui com o que pretendemos trabalhar, tencionamos construir uma investigação que trate da presença do carnavalesco e de relações dialógicas na escrita de Percy Jackson a partir de uma análise prévia em trechos pré-selecionados do primeiro livro da coleção. Afinal, trata-se de uma proposta de contribuição analítica para o terreno de pesquisas bakhtinianas, levando em conta a maneira de como queremos analisar em meio a aspectos como enunciado concreto, interação verbal, etc. (BAKHTIN, 1975, 1981, 1997)

⁵ Para maiores detalhes, ler em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Vfb3fcVX4pS6wbGzCwbwNPH/?lang=pt&format=pdf>.

Dentro dessa linha de raciocínio anterior, observar esses rastros de aparecimento do que seria dialógico e carnavalizado na escrita de Rick Riordan acaba por tornar esse questionamento que tratamos um objeto de pesquisa bastante interessante de ser investigado. Assim sendo, buscamos verificar a construção do interacional dialógico, à luz do viés teórico do Círculo de Bakhtin, na estrutura verbalizada e não-verbalizada de Percy Jackson com base na premissa básica de que o enunciado, por si só, busca replicar de forma particular, outros enunciados produzidos no passado e, conseqüentemente, que vai sendo reproduzido ao longo dos próximos enunciados a serem efetuados no discurso.

Para facilitar a compreensão, o presente trabalho está dividido em cinco seções: a introdução, na qual é feito um resgate de pesquisas que abordem as relações dialógicas; depois, tratamos da mitologia grega na contemporaneidade, ao perceber aspectos carnavalescos e dialógicos na obra “O ladrão de raios”, de Rick Riordan; em seguida, constam as respectivas elucidações a respeito as categorias de pesquisa utilizadas como base (dialogismo e carnavalização); posteriormente, apresentamos o arcabouço metodológico que utilizamos, as análises feitas e as conclusões apontadas em nosso trabalho, observando quais os aspectos que remetem a outros gêneros literários, como epopeia e fábula, e as relações dialógicas presentes no livro de estreia da série “Percy Jackson & os Olimpianos”; e, por fim, as considerações finais a respeito da temática. Tendo como ponto de partida a obra previamente citada, construímos uma linha teórica de representação e utilização de conceitos que perpassam o dialogismo e a carnavalização, fazendo uma análise de textos para construção da pesquisa.

2 MITOLOGIA GREGA NA CONTEMPORANEIDADE

A mitologia grega, por suas respostas com elementos do fantástico aos acontecimentos naturais, sempre foi componente de afinidade para os que tomavam conhecimento dela, seja pela oralidade, seja pelos escritos. Foi cultuada por muitos séculos como uma religião politeísta (culto a vários deuses) na Grécia Antiga, até que foi substituída pelo cristianismo (religião monoteísta). Como se tratava de uma religião antropomórfica - ou seja, representação dos deuses por meio de figuras humanas -, causou uma aproximação religiosa da população, sendo criados muitos templos e estátuas como forma de adoração aos deuses gregos. Pela diversidade dos deuses,

em que cada um representava uma particularidade mundana e, juntos, compunham um todo que representava a sociedade grega.

Figura 1: saga “Percy Jackson & os Olimpianos”, de Rick Riordan



Fonte: (RIORDAN, 2005)

Dessa forma, a saga “Percy Jackson & os Olimpianos”, desenvolvida pelo escritor norte-americano Rick Riordan, se estabelece como uma representação da mitologia grega na contemporaneidade, mesclando com elementos de outros gêneros literários para construção e caracterização da atualidade. Sendo assim, Rick Riordan, para retratar os fenômenos naturais e as mazelas sociais que impactam a contemporaneidade, mesclou elementos míticos gregos com características da contemporaneidade.

Além disso, apesar de apresentar majoritariamente características do gênero romance fantástico, é possível perceber que foram utilizados recursos estilísticos de diversos gêneros mais comuns na Antiguidade, como a epopeia e a fábula, para compor o acervo da retratação da mitologia grega na atualidade. Esses aspectos aproximam, mais ainda, seu público-alvo – crianças, adolescentes e adultos – pela singularidade ao retratar esse mundo fantástico já muito exposto ao longo dos anos.

Figura 2: Livro “O ladrão de raios”



Fonte: (RIORDAN, 2005)

A série literária de fantasia é composta por cinco livros principais, sendo “O ladrão de raios” (2005), “O mar de monstros” (2006), “A maldição do titã” (2007), “A batalha do labirinto” (2008) e “O último olimpiano” (2009), além de diversos extras e sagas secundárias. Para via de análise, utilizamos trechos da primeira obra para perceber os efeitos de dialogismo e carnavalização ao longo do que foi escrito para fins interpretativos.

Para escrever sobre a mitologia grega na contemporaneidade, Rick Riordan trata, em “O ladrão de raios”, do início da história de um menino de 12 anos que se chamava Percy Jackson, com muitos problemas familiares e escolares, principalmente pelo TDAH e pela dislexia⁶ que possuía, e começa a jornada de perceber situações que remetem ao mundo grego.

3 O DIALOGISMO E A CARNAVALIZAÇÃO

Na perspectiva bakhtiniana, é pelo olhar do enunciado que podemos obter uma compreensão mais adequada em relação à uma teoria da linguagem. Essa noção nos permite observar/compreender o caráter social, ideológico e dialógico da linguagem, em que “(...) o enunciado em sua plenitude é informado como tal pelos elementos

⁶ Rick Riordan se inspirou na sua própria história para compor a série literária: o personagem principal, Percy Jackson, seria uma junção de características dos heróis gregos e de seu próprio filho, Haley, que, por sua dislexia e seu TDAH, teve dificuldades na leitura e seu pai, para incentivá-lo a ler, contava-lhe mitos gregos. Quando já narrado todo o acervo mitológico que Riordan se inspirava, depois de anos e do já desenvolvimento da leitura de Haley, o primogênito do autor norte-americano pediu-lhe para inventar histórias daquele universo e, assim, surgiu Percy Jackson.

extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados.” (BAKHTIN, 2017, p. 313). A natureza da língua, enquanto sistema social de estrutura própria, é marcada pelo multifacetamento comunicacional, em que a interação verbal se materializa a partir do próprio ato de se comunicar em um determinado contexto que lhe é propício, podendo ser de aspecto não-verbal, verbal ou, até mesmo, multissemiótico.

Bakhtin (2000, p. 125, *grifos nossos*) relembra também que “o **diálogo**, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal.” Surge, então, uma das bases para o **dialogismo**. Ainda conforme Bakhtin (2017), os enunciados são de natureza única, concreta, irrepetível e dialógica. Desse modo, ele concebe a noção de gênero do discurso situado nessa esfera ininterrupta de sentidos de que também se configura o enunciado. O autor ainda lembra que:

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). (BAKHTIN, 2017, p. 282)

Cabe destacar também que o dialogismo, a partir de uma definição solta, pode ser entendido como uma determinada forma com base em uma certa visão sobre a linguagem, dentro do próprio Círculo de Bakhtin ou em escolas remanescentes, e, em outra, ser compreendido de maneira completamente diferente, o que pode gerar algumas ambiguidades na compreensão do que propomos investigar neste estudo. Por conta disso, focaremos especificamente na visão interacional-discursiva que Bakhtin e outros linguistas do Círculo se dedicaram a pesquisar e estudar.

Patrick Sériot, um renomado linguista francês, escreveu em 2007 um artigo intitulado *Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine* (Generalizar o único: gêneros, tipos e esferas em Bakhtin), em que ele aponta que Mikhail Bakhtin, na gênese de sua teoria dialógica, estaria “esticado entre o Um e o Múltiplo.” (SÉRIOT, 2007) Ou seja, o russo seria um grande entusiasta do coletivo e fortemente crítico de uma visão mais estrutural da língua.

Para o francês, cada enunciado seria “único”, “concreto” e “irreiterável”, com o único porém de que seria possível, posteriormente, enumerar os enunciados em tipos, o que constitui nos gêneros. Esses gêneros estariam presos às chamadas “esferas de atividade”, que se constitui como “domínios de atividade”. Para cada gênero

haveria um estilo, que não estaria relacionada com a língua em si mas com o exterior extralinguístico. Logo abaixo, há um esquema que o autor destaca sobre isso que destacamos anteriormente das “relações de correspondência” que estão asseguradas ao redor dos gêneros do discurso:

Quadro 1: O gênero e seus correspondentes



Fonte: (SÉRIOT, 2007).

Falando novamente de Bakhtin (2017), ele assume a compreensão de que o enunciado se revela levando em conta os vínculos socioculturais que os interlocutores constroem no eixo comunicativo, pois é a partir disto que é possível identificar, ao longo da interpretação por parte do sujeito, a natureza interna de cada gênero e seu contexto de produção. Conseqüentemente, é por meio destas particularidades que são identificadas que acabam por configurar uma essência social do enunciado. Conforme linguistas do Círculo bakhtiniano como Volochínov enumeravam, uma enunciação de natureza concreta nasce, vive e morre no processo da interação social entre os que participam do processo de enunciação.

Ainda sobre esse questionamento anterior, Bakhtin (2016) traz a clássica afirmação de que:

A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras-enunciados: com aquelas às quais responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso. (BAKHTIN 2016, p. 34-35)

Bakhtin descreve a língua como um discurso, pois é nela em que os seres manifestam suas atitudes comunicativas no processo de enunciação e que, em um momento posterior, constitui suas formações ideológicas enquanto sujeitos

discursivos. Assim sendo, todo enunciado concreto que é constituído no sistema linguístico é dialógico, pois é impossível assimilar uma estrutura de natureza monológica já que só há um sujeito no processo. Contudo, ele pode ter uma natureza polifônica ou não, o que vai depender de como as vozes se manifestam e em que contexto elas se produzem.

No decorrer de seu trajeto teórico, o Círculo de Bakhtin dedicou-se a investigar sobre objetos teóricos como o signo ideológico, os enunciados, a interação e as relações sociais, entre outros. Ao estudar as formas populares de comemoração e com base no renascentista Rabelais, Bakhtin (1981, 1997, 2000) define a carnavalização como um processo de apropriação da literatura renascentista em torno das manifestações da cultura popular medieval, com base principalmente em sua natureza não oficial, configurando um olhar crítico que seria moldado pela suspensão de todas as hierarquias, transformando o mundo real às avessas.

Figura 3: O carnaval como um evento social



Fonte: Google (2022)

O carnaval, pelo olhar dialógico enquanto ferramenta social, é configurado como uma máquina cultural, de extrema subversão e transformadora. Durante a celebração, o aspecto cômico dos seus elementos essenciais como: o riso, o deboche, a fantasia, eram vividos livremente nos locais públicos (ruas e praças), garantindo a liberdade de expressão que só existe em uma democracia pluralizada.

Conforme relembra Soerensen (2017), Bakhtin apontava três grandes manifestações da cultura cômica popular em que o mundo às avessas era uma concepção de vida que suscitaria uma ruptura entre o oficial e o cômico, que eram as:

a) As formas dos ritos e espetáculos; b) Obras cômicas verbais (orais e escritas) e c) Diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro. Assim, para a autora, essas três categorias, embora tidas como bastante heterogêneas, refletiram um mesmo aspecto cômico sobre o mundo, estando estreitamente inter-relacionadas e combinando-se de maneiras distintas.

O riso seria uma ferramenta social que unificaria a diversidade de manifestações do carnaval, pelas palavras de Soerensen (2017) e lhes confere uma direcionamento universal sobre a ideia do “riso”, em que haveria uma oposição ao tom sério e à solenidade repressiva da cultura burguesa por parte do “povão” e para cima do poder real e eclesiástico também, ainda que não estivesse limitada a uma negatividade própria, em que o povo assume sua autonomia ao rir das próprias desgraças e afrontar os tradicionalistas detentores do que seria a “cultura” popular.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise a ser realizada, trabalharemos com o primeiro número da coleção dos Olimpianos, Percy Jackson e o Ladrão de Raios (2005, vol. 1). Utilizaremos trechos de alguns dos capítulos da obra, de forma que contemple a premissa de identificar marcas de carnavalização e dialogismo ao longo dos excertos selecionados. Demos enfoque na estrutura narrativa dos capítulos da obra, com uma análise interpretativa-qualitativa e de cunho explicativo. Logo abaixo, seguem as seções.

4.1 Uma breve epopeia: a existência de profecias e a visão de Bakhtin

Gabe voltou-se para mim e falou na voz rouca do Oráculo:

- *Você irá para o oeste, e irá enfrentar o deus que se tornou desleal.*

O cupincha da direita ergueu os olhos e disse com a mesma voz:

- *Você irá encontrar o que foi roubado, e o verá devolvido em segurança.*

O da esquerda colocou três fichas na mesa, depois disse:

- *Você será traído por aquele que o chama de amigo.*

Por fim, Eddie, o zelador do nosso edifício, preferiu a pior sentença de todas:

- *E, no fim, irá fracassar em salvar aquilo que mais importa.*

(RIORDAN, 2005, p. 149)

Há a réplica de um diálogo, em tom imperativo, entre alguns personagens no excerto anterior, sendo que, dependendo do contexto, pode ter um efeito de sentido diferente para cada sujeito na cena enunciativa. Conforme relembra Bakhtin (2006,

p. 109), essas réplicas seriam “um exemplo clássico disso, em que uma única e mesma palavra pode figurar em dois contextos mutuamente conflitantes, sendo evidente que o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados.” Há um dialogismo em execução nesse momento, pois o protagonista, Percy, descreve que ele e Gabe estão no Oráculo, junto a outros personagens mencionados no trecho, a partir de uma narração direta com o leitor. Portanto, há mais de um interlocutor assumindo uma posição autônoma, contando com o principal que exerce o papel de narrador da história.

Logo nesse primeiro excerto, temos uma figura a ser destacada que é a do Oráculo, em que Gabe e outros personagens assumem a identidade por meio de uma voz rouca que era assimilada. Na mitologia grega, os oráculos eram locais próximos ao centro da pólis em que as pessoas recorriam aos deuses para obter respostas sobre o futuro. Temos, então, uma ideia de duplicidade nessa construção narrativa, pois há vários indivíduos - Gabe, o rapaz da direita e o da esquerda e Eddie – que determinam uma profecia para o protagonista ao assumirem a identidade de uma figura representativa que é a do Oráculo.

Bakhtin (2016) ressalta que a compreensão de um enunciado “possui uma natureza ativamente responsiva, com um grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”. (BAKHTIN, 2016, p. 27) No caso acima, há um elo de coesão entre os enunciadores, pois há um diálogo em destaque que considera o pressuposto de que o enunciado seria uma resposta consecutiva a outros enunciados passados, ou seja, há uma responsividade por parte dos sujeitos que foram destacados anteriormente. A interação entre os seres sociais é o que move o processo constitutivo da língua enquanto sistema.

Também é importante destacar as inúmeras relações dialógicas que são construídas no contexto de produção e um desses elementos que surgem é o da polifonia. Como já é possível concluir que o dialogismo é uma base constitutiva da linguagem, temos em vista que a polifonia se constitui em um processo em que há a manifestação de diversas vozes distintas no discurso, pois haveria gêneros dialógicos de natureza monofônica, em que as demais vozes seriam dominadas por uma única voz autônoma e também há os gêneros dialógicos de natureza polifônica, em que haveria uma disputa de vozes por um espaço produtivo, configurando, então, um grau de polemicidade em jogo.

Cabe salientar também que, em *O Ladrão de Raios*, há cinco personagens principais que promovem o desenvolvimento do mote principal. Ressalta-se que essas figuras possuem uma especificidade única na construção de suas trajetórias através da série literária, com uma persona sem freios e de qualidade própria.

O que acaba se relacionando com o que Bakhtin trata do chamado “princípio da heterogeneidade”, em que há a tese de que a linguagem é heterogênea, remontando também a autores como Authier-Revuz e Genette, e, conseqüentemente, diz que um discurso se constrói a partir dos discursos de outros. Por fim, essas vozes vão se acusando no decorrer da história pois elas retomam o princípio de que o dialogismo é o elemento constitutivo do que seria a linguagem, em um sentido próprio.

4.2 Formação ética e moral

Pela primeira vez no acampamento, me senti verdadeiramente só. Olhei para o estreito de Long Island e me lembrei do meu pai dizendo: O mar não gosta de ser contido. (RIORDAN, 2005, p. 385)

Na trama, a carnavalização se manifesta justamente com a proposta de Rick Riordan em unir dois universos diferentes para construir a narrativa fantástica: o mundo moderno, representado pelo protagonista Percy, um jovem semideus de 18 anos e outros personagens e o mundo mitológico, que tem como representantes os deuses gregos e as entidades sobrenatural. O fantástico é um fator que traduz o que há de carnavalesco na história: uma transfiguração da linguagem, uma inversão representativa de valores e uma oposição aos elementos hierárquicos, ou seja, o que vai de oposição aos anseios da “cultura popular” dos burgueses e nobres configura como um ponto de destaque para um ideal carnavalizado.

O ideal carnavalesco passa a aparecer quando o sujeito, em posição de leitor e espectador, conseguir identificar as vozes que estão na cena enunciativa, gerando um diálogo interno do sujeito enquanto leitor/espectador. Esse diálogo interno, ponto essencial para o entendimento, é fundamental na carnavalização, pois é mediante o processo de interação consigo mesmo que o grotesco/cômico/dramático é produzido.

Bakhtin traz à tona sobre o papel da máscara nesse contexto carnavalesco, pois essa ferramenta seria “uma expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização dos apelidos”. (BAKHTIN, 1997, p. 35) No caso do excerto acima, propomos uma analogia da máscara, que

estaria relacionada com o princípio de um jogo da realidade, com o que o pai de Percy, o deus Poseidon, fala para o filho semideus ao dizer que “o mar não está contido”. Há uma correspondência muito forte com o significado literal dessa frase e o contexto em que ela foi colocada, pois Percy relata que, pela primeira vez, ele se sentia verdadeiramente só no acampamento em que está localizado. Há um “mascaramento” em diversos eventos que Percy Jackson passa, o que urge para que ele comece a passar por “metamorfozes”, indo além do que é da tradição dele e dos semideuses descritos no livro.

Essa lição de moral que Poseidon solta para Percy se dá por meio de um diálogo na narrativa, evidenciado uma relação dialógica em curso pois há mais de um interlocutor que está desempenhando um papel comunicativo. Viver, interagir e dialogar são verbos que devem ser levados em conta, pois a compreensão de que o enunciado sofre um atravessamento por inúmeros discursos é um fator essencial para o reconhecimento do papel do dialogismo no contexto de comunicação. Essa formação ética suscita questionamentos mais profundos para que o protagonista encontre seu caminho, em que ele, como enunciador que detém sua formação discursiva/ideológica, necessita reavaliar seus pontos de vista em meio às adversidades na qual se encontra e os ambientes discursivos em que interage com outros sujeitos sociais com diferentes personas e de outras formações.

4.3 Antropomorfização e o grotesco de Bakhtin

O homem-touro berrou e me atirou pelos ares. Aterrissei de costas na grama. Minha cabeça bateu contra uma pedra. Quando me sentei, minha visão estava embaçada, mas eu tinha um chifre nas mãos, um osso partido do tamanho de uma faca.. (RIORDAN, 2008, p. 35)

Outros aspectos que remontam a uma “cosmovisão carnavalesca” é a tentativa de “descaramento” da linguagem, com o uso de recursos estilísticos que chame a atenção do leitor da obra. No excerto anterior, por ser uma ficção que traz um atravessamento de vários discursos, observa-se um certo plano que pode soar com exagero, como quando o enunciador diz que “tinha um chifre nas mãos, um osso partido do tamanho de uma faca.” Por se tratar de uma ficção de temática fantástica e mitológica, há a recorrência de personagens e figuras “fora do comum” e de

ambientes pouco comuns em obras literárias do meio moderno, como a Antiga Grécia sendo cenário.

Esse processo de subversão literário é uma das questões que colocam à tona o que seria “deformado” da linguagem do livro e o que seria transgressivo para os arquétipos tradicionais. O grotesco, então, é representado pela figura do homem-touro, pois trata-se de um personagem mitológico e “fora da curva” por ser uma mistura de um ser humano com um animal bovino. Há, portanto, um desvio marcante do que seria, normalmente, utilizado para representar figuras humanóides, contrariando as tradições hierárquicas. Aliás, o bizarro também é um elemento a ser considerado para remontar ao carnavalesco como um processo subversivo, pois ele transpassa o que seria o aceitável para que o público que o acompanha de forma cativante.

O próprio Bakhtin enumera que uma das analogias fundamentais para a idealização do grotesco em um ambiente escrito e de natureza não-canônica seria em adotar dois corpos em um, em que teria um que daria a vida e, posteriormente, desaparece e haveria outro que seria concebido, produzido e colocado no mundo. Então, “é sempre um corpo em estado de prenhez e parto. Do primeiro se desprende sempre, de uma forma ou outra, um corpo novo.” (BAKHTIN, 1981, p. 23)

Todos esses enunciados efetuados e construídos pelo autor trazem à tona o espaço social em que essas produções se constituem conforme o contexto em que aparecem e na relação que essas figuras assumem ao reforçarem o propósito da história para que os leitores afeiçoados estejam acompanhando. Há uma força interna que provoca a concretude dos enunciados que estão em visibilidade pelos sujeitos sociais. Ademais, esse exagero das situações colocadas aos personagens para o desenrolar de suas aventuras na trama é um fio condutor que permite concluir essa carnavalização que ocorre com força na linguagem de Percy Jackson, indo além do que é determinado de forma pressuposta na sinopse.

O tom satírico é um ponto a ser considerado nesta análise, pois o autor, ao mesmo tempo que segue um padrão literário já consagrado, remete a um estilo marcado, principalmente, por ir além das convenções sociais, pois há um jogo em destaque com o intuito de aproximar-se à linguagem jovial e com uma maior informalidade possível. Mais uma vez, é outro item que aproxima do universo carnavalizado, com ênfase na cultura popular, no “povão” e com outros recursos já consagrados.

Para finalizar, essa antropomorfização retratada no mote do homem-touro é um recurso interessante de ser observado como mais um vestígio carnalizado na escrita de Rick Riordan, porque, por se tratar de uma crença humana em que se atribui às entidades religiosas e quase mitológicas comportamentos ou hábitos dos seres humanos, cria a premissa de que seria possível obter uma compreensão da realidade de uma forma abrangente. Por estar, justamente, atribuindo aspectos, comportamentos e condutas típicas da condição humana às figuras inanimadas pré-existentes e aos indivíduos irracionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, portanto, marcas dialógicas de carnavalização por meio da análise prévia do primeiro livro, O Ladrão de Raios, da série literária Percy Jackson & os Olimpianos. Sendo assim, já neste estudo, elementos dos gêneros epopeia - como a heroicidade e as profecias - e fábula - como antropomorfização e lição moral.

Observou-se, ao longo dos excertos, que o dialogismo se constrói a partir da relação que os personagens promovem entre si a partir dos eixos temáticos em que estão afincados. Assumindo essa perspectiva no interior da consciência social, há uma interação verbal/discursiva entre essas figuras que acaba por promover uma construção de enunciados concretos e próprios. O outro, conseqüentemente, acaba por remeter à situação em que ele se coloca dependendo do contexto temporal. Além disso, em alguns trechos, notamos como a própria carnavalização remete a uma situação que apresenta dialogismo. Dessa forma, uma mesma situação dialoga de formas distintas a depender do contexto ao qual é submetida.

Já a carnavalização se manifesta por meio de um desvirtuamento da linguagem e da fuga de elementos tidos como tradicionais de serem usados, pois o autor, ao propor reunir dois mundos completamente distintos e aproximar o público leitor de uma temática fantástica, reforça, com uma linguagem clara e objetiva, o seu propósito de discutir temas infanto-juvenis em interface com questões adicionais que envolvem a cultura grega com o objetivo de aproximar o leitor do ambiente temático.

Percebe-se, então, que Rick Riordan faz usos de elementos constitutivos do grotesco descritos por Bakhtin para formar sua narrativa fantástica, trazendo personagens mitológicos e outros recursos literários associados ao estilo do autor, além de levantar questões mais profundas como a antropomorfização do homem, o

papel do ser humano frente aos problemas existenciais, entre outros pontos a serem destacados.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Hucitec, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. São Paulo, 1975 [1963].

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo por Paulo Bezerra. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12 ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, R.M.R, SALGADO, R.G., SOUZA S.J. Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/224/237>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PONTE, C. A.; SILVA, I. A. N.; MARTINS, J. P. Dialogismo entre gêneros intercalados na narrativa "O Hobbit", de J. R. R. Tolkien. **Literartes**, [S. l.], v. 1, n. 12, p. 164-187, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9826.literartes.2020.162065. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/162065>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

RIORDAN, Rick. **O ladrão de raios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

SÉRIOT, Patrick. Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine. **Texto!**, v. XII, n. 3, juillet 2007. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/1996-2007/Inedits/Seriot_Bakhtine.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SOERENSEN. C.. A Carnavalização e o Riso segundo Mikhail Bakhtin, **Trav.**, vol. 5, nº 1, maio 2017, p. 318-331. Disponível em: <<https://www.academia.edu/31734915/>>

A_CARNAVALIZA%C3%87%C3%83O_E_O_RISO_SEGUNDO_MIKHAIL_BAKHTI
N
_1_THE_CARNIVALIZATION_AND_THE_LAUGHTER_BY_MIKHAIL_BAKHTIN> .
Acesso em: 20 jan. 2023.

THIES, T. S.. Mitologia em Monteiro Lobato: dialogismo e carnavalização em O Minotauro. Campo Grande: **REVELL** - Revista dos Estudos Literários da UFMS, v. 2, n. 3, p. 57–69, 2015. Disponível em: < <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/335>>. Acesso em: 22 jan. 2023.